

Alessandro Antonio Rodrigues – UNESP/Campus de Marília/SeducSP

Maria Valéria Barbosa Veríssimo - UNESP/Campus de Marília

**7º ENCONTRO NACIONAL SOBRE O ENSINO DE SOCIOLOGIA
NA EDUCAÇÃO BÁSICA**

**GT 09- Formação de professores/as e PROFSOCIO: Produção de
conhecimentos e práticas de ensino de sociologia na educação básica**

**A intencionalidade de nossas ações. Uma releitura das análises de
Vigotski.**

Belém, Pará

2021

RESUMO

A partir do momento que compreendemos que o conhecimento escolar é produto de uma construção conjunta entre educador e educando, se estabelecendo de forma dialética e recíproca, tendo no olhar à realidade da comunidade escolar seu grande desafio para se capaz de estabelecer a diferença entre conhecimento científico e senso comum. Um dos objetivos da Residência Pedagógica de Ciências Sociais da Unesp de Marília é fornecer as ferramentas de pesquisa e metodológicas direcionadas para uma formação crítica, abrangente e necessária na construção do conhecimento. Este trabalho pretende elucidar um dos mais frequentes questionamento que fazemos: Qual a melhor prática de ensino a ser utilizada e como ocorre a aprendizagem dos alunos? Um autor que pode contribuir para esta problematização é Vigotski. Em seus textos foram ressaltadas de que as teorias mais importantes sobre o desenvolvimento de uma criança estão agrupadas em três categorias principais e só pode ser apreendida em articulação com a aprendizagem. Na “Quarta aula: se discute a questão do meio na pedologia”, em que é abordado o estudo do meio na participação e influência no desenvolvimento humano. Abordaremos, então a pertinência dos seus conceitos para entender e compreender como os jovens do ensino médio podem aprender e os professores ensinarem, frente aos desafios presentes nesta relação.

Palavras-Chave: Formação Teórico-Prática, Política educacional, Trabalho docente, Ensino de Sociologia.

INTRODUÇÃO

A discussão central deste artigo tem como ponto de partida a busca por compreendermos que o conhecimento é produto de uma construção conjunta entre educador e educando, este estudo é de grande relevância pois, para que uma relação de conhecimento se estabeleça, é urgente e extremamente necessário olhar para a realidade desafiadora da comunidade escolar. Isto se justifica na medida que se consegue dar lugar às necessidades e realidades vividas nas escolas, ou seja, não ignorar as condições limitantes em que porventura se encontram os estudantes. Por meio dessa ação acreditamos que possa ser construído uma relação entre a comunidade escolar e conhecimento científico. direcionadas para uma formação mais completa.

O licenciado em Ciências Sociais necessita que a sua prática tenha um sentido para que possa ter motivação de prosseguir e se tornar parte integrante de uma rotina de estudos na qual seja possível pensar em possibilidades de um trabalho docente transformador e que irá desenvolver dentro da sala de aula.

Assim, muitos questionamentos e dúvidas começam a nortear o seu universo inicial e com base em Vigotski pressupõe-se que desenvolvimento e aprendizagem não são processos independentes entre si e neste sentido a aprendizagem é um processo que ocorre, de fora para dentro, mas desencadeia mudanças, também, no subjetivo. Nessa categoria, o desenvolvimento humano, atingindo diferentes etapas com a conseqüente passagem de crescimento a maturidade de determinadas funções antes dos aprendizados que a criança recebe na escola. É nesse sentido que o desenvolvimento e a maturação representam um pressuposto e não um resultado da aprendizagem, pois precedem a ela.

A segunda categoria considera que processo de aprendizagem é desenvolvimento. Neste sentido, não considera definitivamente se a aprendizagem ocupa uma posição que antecede o desenvolvimento ou vice-versa, mas que cada etapa da aprendizagem de uma criança se refere a uma etapa do desenvolvimento. Já a terceira categoria tenta conciliar os extremos dessas duas propostas. Desta forma, hora o processo de desenvolvimento de uma criança segue um caminho diferente da aprendizagem e em outros momentos se aproximam, se confundem e se tornam simultâneos e nesse caso maturação, que representa um processo de crescimento a maturidade da criança depende do processo de desenvolvimento, ao mesmo tempo que aprendizagem é processo de desenvolvimento.

Outro texto de Vigotskii que nos auxilia a pensar sobre as questões da prática e da maneira como ocorre a aprendizagem dos alunos é a “Quarta aula: A questão do meio na pedologia”. Neste, é abordado o estudo do meio na participação e influência no desenvolvimento da criança. O meio, no qual ela é criada é responsável pela interferência no seu desenvolvimento. O autor entende que cada criança absorve de maneira diferente as experiências pela qual passa ao longo de sua formação e que cada uma concebe essa gradativa interferência a partir da sua faixa etária e do arco de atuação do seu meio.

A vivência da criança que expressa o modo de como ela toma consciência dos acontecimentos que vão ocorrendo em sua vida. Nesse caso, são os elementos interpretados na vivência de uma criança que irá interferir no seu desenvolvimento futuro. Essa teoria da pedologia visa encontrar uma relação entre a criança, o meio e a vivência, ou seja, de que forma ela toma consciência e reage aos acontecimentos de forma afetiva é que irá influenciar no seu desenvolvimento psicológico. O autor enfatiza que todas as particularidades da personalidade e do meio estão representadas na vivência e neste sentido lidamos com a união das particularidades da personalidade com determinado

acontecimento. É desta forma que o importante não é saber de todas as particularidades da criança, mas aquela particularidade que desempenha um papel predominante e que irá definir a atitude da criança frente a determinado acontecimento. O meio sempre se encontra em situação concreta de um acontecimento, de uma certa vivência de uma criança e que vai se configurando no seu próprio processo de desenvolvimento. É por isso que se considera a vivência com unidades de elementos do meio e da personalidade no desenvolvimento psíquico das pessoas.

É muito importante também levar em consideração que a criança não generaliza a realidade, não visualiza com maior amplitude da mesma forma que o adulto que pode passar a plenitude dos acontecimentos e de seus significados para uma criança. Neste sentido compreendemos que o adolescente e os jovens, ainda estarão em fase intermediária, no processo de ensino e aprendizagem. Nesse sentido parte do desenvolvimento dos alunos está relacionado com o seu processo de socialização no espaço educacional, cabendo ao professor não apenas entender com se desencadeia o processo de aprendizagem, mas proporcionar aos alunos experiências que permitam a eles se apropriarem de um meio social enriquecido pelo desvelamento que o processo de conhecimento, por meio da Sociologia, lhes proporciona.

Por fim, podemos observar que os limites e o alcance dessas teorias se tornaram desafiadoras, pois toda proposta pedagógica tem uma intencionalidade na escola com os alunos e que nos leva a pensar o alcance a nos proporcionar, quando escolhemos e ensinamos por meio de conceitos sociológicos. Acreditamos que na teoria Histórico – Cultural são desenvolvidas capacidades psicológicas superiores e que é necessário um tipo de conhecimento que leve à formação do homem, pensando nossa formação educacional, a minha formação é a nossa atuação e desta forma somos nós que temos que organizar este espaço para proporcionar um desenvolvimento humano pleno.

APRENDIZAGEM E OS DESAFIOS DA APRENDIAGEM

As reflexões apresentadas acima permitem avançar na apropriação do arcabouço teórico e na implementação da teoria nas atividades didático-pedagógicas. Primeiro, considerar o campo de pesquisa como uma realidade que precisa ser apreendida em movimento; segundo, ter a pesquisa-ação como esfera constante de interação, por fim,

buscar na reflexão crítica a dimensão mais importante para o desenvolvimento das diferentes etapas do trabalho.

O nosso percurso teórico começa pela compreensão da função social da escola e do acesso ao conhecimento elaborado como elemento fundamental para o desenvolvimento humano. O envolvimento dos alunos e dos professores nas atividades pedagógicas é condição primordial e necessária para este processo. A educação, então, tem a função de reconstruir em cada ser humano a natureza humana, que se constrói nas relações sociais da qual ele faz parte. 'Portanto, o que não é garantido pela natureza tem que ser produzido historicamente pelos homens; e aí se incluem os próprios homens.' (SAVIANI, 1995, p. 21).

A escola, como instituição primordial na socialização dos conteúdos historicamente acumulados, deveria se estruturar, de modo a oferecer um processo de ensino que intencionalmente promovesse a aprendizagem do aluno e, com isso, objetivasse o seu desenvolvimento.

Porém, a realidade atual das escolas, tanto públicas como particulares de ensino médio estão voltadas para uma formação imediata para um mercado de trabalho cada vez mais precarizado ou mesmo para um vestibular de conteúdo memorizado e pouco reflexivo. Quando não são apenas espaços de não socialização de conteúdo científico e sistematizado, deixando inclusive de cumprir a sua função social, mesmo dentro dos marcos da sociedade capitalista.

Tudo isso se transformam em obstáculos para o desenvolvimento da motivação (sentido) do aluno e do professor para a ação pedagógica de ensino e aprendizagem.

Em contrapartida se faz necessário o resgate do papel interativo entre professor e alunos, onde a aprendizagem é o fator crucial para o processo de desenvolvimento das atividades, e conseqüentemente, do processo de ensino e aprendizagem, aspectos fundamentais para a humanização dos sujeitos envolvidos neste processo.

Para Vygotsky (1995) não se pode separar o processo de aprendizagem do desenvolvimento das capacidades humanas, estando intrínseca e dialeticamente vinculados, assim, só existe desenvolvimento a partir da aprendizagem. O ponto de partida para a compreensão desta relação é o que ele chama de *lei geral do desenvolvimento*.

[...] toda função do desenvolvimento cultural da criança [ser humano] aparece em cena duas vezes, em dois planos; primeiramente no plano social e depois no psicológico, a princípio entre os homens como categoria intersíquica (externa) e logo depois no interior da criança como categoria intrapsíquica (interna). [...] Temos pleno direito de considerar a tese exposta como uma lei, mas o passo, natural, do externo ao interno, modifica o próprio processo, transforma sua estrutura e funções. (Vygotsky, 1995, p. 150, tradução e grifo nosso)ⁱ

Considerando os princípios contidos na *lei do desenvolvimento das funções psíquicas superiores*, fica evidente que os seres humanos não nascem humanos, mas se transformam em humanos nas relações sociais e, portanto, tornam-se seres históricos e sociais, na medida em que se tornam humanos. Compreendida para além do caráter social que a formação dos humanos contém, percebe-se que o conhecimento, inicialmente, externo ao indivíduo vai sendo apropriado, internalizado, quando ele se relaciona com o outro, portanto nas relações sociais. Ao internalizar este conhecimento, o indivíduo pode ou não recontextualizar, mas é neste processo que se desenvolve o ser social, ou seja, se estabelece a humanização, dentro de uma dinâmica ativa e participante na realidade social que o cerca.

Neste sentido, o processo de desenvolvimento ocorre por etapas não rígidas, onde os aspectos biológicos não são os mais importantes, mas sim, os sociais. Decorre disto a importância que o papel do *entorno* assume. Por isto, quanto mais rico o ambiente de convivência e de experiências, maior a possibilidade de apropriação da cultura elaborada, e conseqüentemente, melhor será o processo de humanização do indivíduo.

A partir destes aspectos, depreende-se que os adolescentes que têm um *entorno* empobrecido terão outra condição de desenvolvimento humano. Neste sentido, o ambiente escolar para esta parcela da população, pode se tornar um ambiente em que se garanta, mesmo de forma limitada, um enriquecimento do *entorno*, para que seja possível almejar um desenvolvimento mais pleno e significativo para os alunos. Isto esteve sempre presente no desenvolvimento das etapas de cada atividade.

Outro aspecto que se articula às questões apresentadas acima é o caráter dinâmico do processo de aprendizagem e desenvolvimento. Para Vigotsky (1995) as etapas de desenvolvimento se determinam dialeticamente em um movimento contínuo. “A etapa velha não desaparece quando nasce a nova; mas assim que é superada pela nova, é

dialeticamente negada por ela, se transferi a ela e existe nela.” (Vygotsky, 1995, p. 145, tradução nossa.)ⁱⁱ

Para se aprofundar na compreensão desse processo de aprendizagem e desenvolvimento, cabe ressaltar dois aspectos fundamentais: Nível de Desenvolvimento Real (NDR) e Zona de desenvolvimento Proximal (ZDP). O nível de desenvolvimento real corresponde ao nível de desenvolvimento da criança [ser humano] como resultado de um processo já realizado, ou seja, compreende tudo aquilo que ela é capaz de fazer sozinha, sem a ajuda de outras pessoas. (MEIRA, 2007). E o segundo: “A zona de desenvolvimento próximo abarca tudo aquilo que a criança não faz sozinha, mas é capaz de realizar com a ajuda de adultos ou companheiros mais experientes.” (MEIRA, 2007, p. 157).

Considerar a zona de desenvolvimento nos propicia discutir a atuação do educador, pois, ao mediar o conhecimento que deve ser socializado, ele necessita atingir a ZDP para que a aprendizagem se efetive e o desenvolvimento humano, também. Neste sentido, o professor precisa se apropriar das informações sobre em qual estágio de aprendizagem se encontra cada aluno, para propor as melhores atividades pedagógicas com os conteúdos mais adequados.

Ao apropriou-se deste referencial teórico para nortear as mediações pedagógicas na sala de aula, que é o espaço de atuação do professor de Sociologia, mas, também, orientou a relação existente entre os bolsistas da graduação e os alunos do ensino médio.

Acreditamos que se o conhecimento ocorrer somente no NDR, o indivíduo pode não aprender, uma vez que se atinge apenas o nível de desenvolvimento já adquirido pelos próprios alunos, pois ensina-se o que eles já sabem; no máximo há um acréscimo de informações, ou seja, existe uma mudança quantitativa, mas não qualitativa, de novas capacidades nos alunos.

Porém, ao atingir a ZDP, atua-se em um grau de desenvolvimento que o indivíduo ainda não internalizou (um nível ainda desconhecido, novo para os alunos), possibilitando o aprendizado e desenvolvimento de capacidades que ainda não possui. Porém, este conhecimento precisa ser muito bem equacionado, pois não pode ser nem aquém, nem além, daquilo que o aluno é capaz de fazer com o auxílio do outro. Esse processo necessita da ajuda de alguém que saiba mais, uma pessoa mais experiente; no caso da escola, o professor, os bolsistas do Residência Pedagógica ou um colega de sala que já domina

aquele determinado conteúdo. E se o conteúdo estiver além da ZDP dos alunos, estes não conseguirão realizar as atividades nem mesmo com a ajuda do mediador.

O entendimento da complexidade desse processo é que nos permite caracterizar o educador como mediador indispensável no processo de ensino e aprendizagem e, assim, do desenvolvimento das capacidades psicológicas superiores. Portanto, o educador, como mais experiente – que já possui um determinado conjunto de conhecimento internalizado – é o responsável pela mediação adequada entre o conteúdo e a forma pela qual o saber é socializado.

NO LIMIAR DE NOVAS INTERPRETAÇÕES

É neste sentido que passa a valorizar o papel do educador, pois cabe a ele o desenvolvimento dessas capacidades de atenção, memória, raciocínio, observação entre outras.

A tarefa do docente consiste em desenvolver não uma única capacidade de pensar, mas muitas capacidades particulares de pensar em campos diferentes; não em reforçar a nossa capacidade geral de prestar atenção, mas de desenvolver diferentes faculdades de concentrar a atenção sobre diferentes matérias. (2018, pág. 108).

Para Vigotskii, “somos governados pelos hábitos”, neste sentido o desenvolvimento do intelecto levaria a formação de muitos hábitos e capacidades específicas e independentes, levando em consideração que o aperfeiçoamento de uma das funções do intelecto influi no desenvolvimento de outras funções apenas quando elas possuem elementos comuns. O terceiro grupo se opõem a esta concepções.

O autor argumenta que as teorias baseadas na psicologia estrutural e dominantes naquele momento não poderiam atuar para formar apenas hábitos, mas compreende uma atividade intelectual capaz de transferir princípios estruturais de uma tarefa para a execução de várias outras e desta maneira a aprendizagem e a sua influência não é específica. Em exemplo prático, um aluno pode adquirir a capacidade de construir certa estrutura independente dos elementos que a constitui. Na teoria de Koffka, em que aprendizagem é desenvolvimento, não considera a aprendizagem como uma simples aquisição de hábitos e capacidades específicas. Dentro desse processo, aprendizagem e

desenvolvimento possuem uma interação constante entre si, mas não seguem caminhos idênticos. O desenvolvimento se estende para além da aprendizagem em âmbito maior.

A criança aprende a realizar uma operação de determinado gênero, mas ao mesmo tempo apodera-se de um princípio estrutural cuja esfera de ampliação é maior do que a Operação de partida. Por conseguinte, ao dar um passo em frente no campo da aprendizagem, a criança dá dois no campo do desenvolvimento; e por isso aprendizagem e desenvolvimento não são coincidentes. (2018, pág. 109).

Nesta explanação, sobre as teorias que tentam interpretar as relações entre aprendizagem e desenvolvimento, o autor não encontra consenso entre elas e se decepciona. Vigotskii busca seguir por outro caminho, neste, a primeira observação que ele faz é de que toda a aprendizagem de uma criança se inicia antes da escola. Toda a criança possui saberes de sua vivência e que não podem ser ignorados. A aprendizagem escolar não é uma continuidade do desenvolvimento que a criança tinha antes da escola em todos os aspectos e não se pode negar que o seu início não é do zero, mas que é precedida por uma etapa definida do desenvolvimento alcançado antes da entrada na escola.

Pela sua importância, este processo de aprendizagem, que se produz antes que a criança entre na escola, difere de modo essencial do domínio de noções que se adquirem durante o ensino escolar. Todavia, quando a criança, com suas perguntas, consegue apoderar-se dos nomes dos objetos que a rodeiam, já está inserida numa etapa específica de aprendizagem. Aprendizagem e desenvolvimento não entram em contato pela primeira vez na idade escolar, portanto, mas estão ligados entre si desde os primeiros dias de vida da criança. (2018, pág. 110).

Para compreendermos o que está sendo proposto por Vigotskii, ele nos pede que entendamos a teoria da área de desenvolvimento potencial. É algo comprovado empiricamente que a aprendizagem de uma criança deve ocorrer de acordo com o seu desenvolvimento. Podemos citar, à exemplo, que apenas em uma determinada idade, um aluno vai aprender álgebra. O que deve ser considerado é que devemos levar em consideração pelo menos dois níveis de desenvolvimento de uma criança sendo que não será possível encontrar a relação entre desenvolvimento e capacidade potencial em cada nível.

O primeiro é chamado de nível de desenvolvimento efetivo na qual temos as funções psicointelectuais resultado realizado de um específico processo de desenvolvimento.

Quando se estabelece a idade mental da criança com o auxílio de testes, referimo-nos sempre ao nível de desenvolvimento efetivo. Mais um simples controle demonstra que este nível de desenvolvimento efetivo não indica completamente o estado de desenvolvimento da criança. Suponhamos que submetemos a um teste duas crianças, e que estabelecemos para ambas uma idade mental de sete anos. Mas quando submetemos as crianças a provas posteriores, sobressaem diferenças substanciais entre elas. Com o auxílio de perguntas-guia, exemplos e demonstrações, uma criança resolve facilmente os testes, superando em dois anos o nível de desenvolvimento efetivo, enquanto a outra criança resolve testes que apenas superam em meio ano o seu nível de desenvolvimento efetivo. Neste momento, entram diretamente em jogo os conceitos fundamentais necessários para avaliar o âmbito de desenvolvimento potencial. (2018, pág. 111).

Segundo o autor, do ponto de vista tradicional, o grau de desenvolvimento psicointelectual se configura em atividade independente e não imitativa de qualquer forma e que todos os métodos de medição atuais seguem esse procedimento. As provas para medir o desenvolvimento psicointelectual de uma criança são aquelas que ela supera sozinha, sem nenhum tipo de ajuda. Ele observa que a atividade independente das duas crianças é equivalente, mas as potencialidades de desenvolvimento de cada uma delas se difere e neste sentido, o que a criança consegue fazer com a ajuda de um adulto é denominado de zona de desenvolvimento potencial.

Este método possibilitou medir a zona de desenvolvimento de uma criança e os processos de maturação produzidos, assim como aqueles que estão em processo de desenvolvimento e amadurecimento. Nesse processo de maturação é possível dinamizar os possíveis passos futuros do desenvolvimento de uma criança. Desta maneira para determinar o nível de desenvolvimento mental de uma criança é necessário ter como referência pelo menos dois níveis que são de desenvolvimento efetivo e a área de desenvolvimento potencial.

Nesse caso, estes estudos determinam o desenvolvimento psicointelectual de uma criança e podem ajudar o educador a considerar quais limites são superáveis por ela, existindo um equilíbrio no ensino de acordo com o desenvolvimento e etapa superada. Vigotskii nos chama a atenção as crianças mentalmente atrasadas e que possuem pouca capacidade de pensamento abstrato. Por meio de uma leitura equivocada muitos docentes passaram a basear seu ensino em meios visuais e não tiveram resultado satisfatório. Argumenta o autor que a criança atrasada e que não consegue atingir um pensamento

abstrato necessita ser direcionada pela escola para desenvolver o que lhe falta. Os recursos visuais são importantes como um meio para alcançar etapas do desenvolvimento do pensamento abstrato e não um fim.

O autor nos explica que em uma criança normal, o estudo que se baseia em fases de desenvolvimento já alcançadas são pouco eficazes. O correto, segundo ele e de acordo com essa teoria do âmbito de desenvolvimento potencial é de o único bom ensino é o que se adianta ao desenvolvimento e que essa fórmula é contrária ao tradicional.

Podemos formular a lei fundamental deste desenvolvimento do seguinte modo: Todas as funções psicointelectuais superiores aparecem duas vezes no decurso do desenvolvimento da criança: a primeira vez nas atividades coletivas, nas atividades sociais, ou seja, como funções interpéssicas: a segunda, nas atividades individuais, como propriedades internas do pensamento da criança, ou seja, como funções intrapéssicas”. (2018, pág. 114).

O resultado das análises de Vigotskii utiliza a linguagem como paradigma de comprovação de suas pesquisas e neste sentido a linguagem origina-se como meio de comunicação entre as crianças e as pessoas do seu convívio e somente depois é que se transforma em linguagem e função mental interna, fundamentais ao pensamento.

Como a linguagem interior e o pensamento nasce do complexo de inter-relações entre as crianças e as pessoas que a rodeiam, assim estas inter-relações são também a origem dos processos volitivos da criança. No seu último trabalho Piaget demonstrou que a cooperação favorece o desenvolvimento no sentido moral da criança. Pesquisas precedentes estabelecem que a capacidade da criança para controlar o seu próprio comportamento surge antes de tudo no jogo coletivo, e que só depois se desenvolve como força interna o controle voluntário do comportamento”. (2018, pág. 114).

Para o autor esses exemplos dizem respeito a uma regulação do desenvolvimento das funções psicointelectuais superiores na infância e que se refere no conjunto da aprendizagem da criança. A área principal da aprendizagem é a de desenvolvimento potencial e que faz nascer um conjunto de processos internos de desenvolvimento a partir da inter-relação que adquire na convivência com os outros e que são absorvidos pelo curso do processo de desenvolvimento e a transforma internamente. Dentro desse processo ele esclarece que a aprendizagem não é desenvolvimento, mas a correta organização da aprendizagem ativa todo um agrupamento mental que leva ao desenvolvimento e neste

sentido defende que a aprendizagem é um momento universal para que se desenvolva na criança características humanas não-naturais mais formadas historicamente. Todo o processo de desenvolvimento não poderia desenvolver-se sem a aprendizagem, pois é ela que ativa as funções mentais superiores.

Comparando esse processo de zona de desenvolvimento potencial entre crianças e adultos, ele observa que os adultos recebem uma grande quantidade de aprendizagem. Estudos experimentais mais atuais contradizem os estudos que afirmavam que os adultos eram incapazes de adquirir conceitos novos após a idade de vinte e cinco anos, porém esses estudos não descrevem de maneira adequada o que diferencia a aprendizagem de uma criança e a de um adulto.

A luz das teorias de Thorndike, James e outros, a que se aludiu antes – teorias que reduzem o processo de aprendizagem à formação de hábitos – não pode haver diferença essencial entre a aprendizagem do adulto e da criança. A afirmação é superficial. Segundo esta concepção, um mecanismo caracteriza a formação de hábitos tanto no adulto como na criança; no primeiro, o processo ocorre mais veloz e facilmente do que na segunda, e reside aí toda a diferença”. (2018, pág. 115).

A aprendizagem que se dá, utilizando o exemplo do autor, entre aprender a andar de bicicleta e a jogar tênis na idade adulta, em relação ao mesmo aprendizado que se realiza na idade escolar, se diferencia por questões de relação dessas aprendizagens com o desenvolvimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vigotskii se propõe a fazer uma formulação geral da relação entre os processos de aprendizagem e de desenvolvimento em idade escolar e que estão ligados ao desenvolvimento do sistema nervoso central e neste sentido a aprendizagem escolar estimula os processos internos de desenvolvimento. No processo educativo é necessário identificar o momento do aparecimento dessas linhas internas de desenvolvimento. Nessa hipótese formulado pelo autor. “o processo de desenvolvimento não coincide com o da aprendizagem, o processo de desenvolvimento segue o da aprendizagem, que cria a área de desenvolvimento potencial” (2018, pág. 116).

O autor chega à conclusão de que a aprendizagem e o desenvolvimento humano não se produzem de modo simétrico e paralelo; o desenvolvimento não acompanha a aprendizagem escolar; o progresso escolar não reflete o real desenvolvimento de uma criança mesmo existindo uma dependência recíproca, complexa e dinâmica ne que não se consegue explicar pelo uso de fórmulas. Ele observa que cada matéria escolar é importante pois está ligada ao curso de desenvolvimento da criança, quando ela passa de uma etapa a outra, obrigando a reexaminar as matérias formais na importância do desenvolvimento psicointelectual da criança na qual cada matéria interfere. Porém, na quarta aula: a questão do meio na pedologia, o autor estuda o papel do meio na participação e influência que exerce no desenvolvimento da criança e neste sentido, esclarece regras e métodos.

Em primeiro gostaria de colocar algo que já foi observado de maneira superficial: que para compreender corretamente o papel do meio no desenvolvimento da criança é sempre necessário abordá-lo não a partir de, creio ser possível formular dessa maneira, parâmetros absolutos, mas, sim, a partir de parâmetros relativos. Além disso, deve-se considerar o meio não como uma circunstância do desenvolvimento, por encerrar em si certas qualidades ou determinadas características que já propiciam, por si próprias, o desenvolvimento da criança, mas é sempre necessário abordá-lo a partir da perspectiva de qual relação existe entre a criança e o meio em dada etapa do desenvolvimento. (2010, pág. 682).

Vigotskii parte desse princípio para diferenciar, no caso da pedologia, a necessidade de os indicadores absolutos serem migrados em indicadores relativos na busca do que se refere as pessoas. Entende desta forma que qualquer elemento do meio é diferente de acordo com a faixa etária da criança e apenas quando se estabelece uma relação da criança com o meio podemos elucidar o seu papel no desenvolvimento da criança. Sendo assim, uma ampliação do meio para a criança é defendida por alguns autores como desenvolvimento gradativo.

Podemos dizer que Vigotskii é um autor que leva em consideração o desenvolvimento baseado em fatores externos que vem da aprendizagem e da relação do indivíduo com o seu meio.

Vigotskii fala do mundo distante da criança e vai se estendendo em cada momento da sua vida; mundo do quarto; mundo do parque; mundo da escola. Cada idade possui o seu meio que se modifica a cada mudança de idade. Os elementos existentes da influência

do meio no desenvolvimento é a vivência e ela pode influenciar no seu desenvolvimento futuro.

De forma mais precisa, mais exata, o que nós podemos dizer a respeito dos exemplos que vimos quando discutimos as crianças é que os elementos existentes para determinar a influência do meio no desenvolvimento psicológico, no desenvolvimento de sua personalidade consciente é a vivência. A vivência de uma situação qualquer, a vivência de uma situação qualquer, a vivência de um componente qualquer do meio determina qual influência essa situação ou esse meio exercerá na criança. Dessa forma, não é esse ou aquele elemento tomado independentemente da criança, mas, sim, o elemento interpretado pela vivência da criança que pode determinar sua influência no decorrer de seu desenvolvimento futuro. (2010, pág. 684).

Podemos entender que a pedagogia estuda concretamente o papel do meio no desenvolvimento da criança. Neste caso, uma ocorrência qualquer do meio influenciará uma criança de diversas maneiras dependendo de que forma compreende seu sentido e significado.

Durante o percurso que fizemos das análises de Vigotskii, vimos que na zona de desenvolvimento proximal ele alinha a ideia de aprender do aluno com uma perspectiva sócio-histórica do aprender humano. Nesse sentido existe várias maneiras de aprender. A prática social de um ser humano interfere na maneira de como ele aprende. Os jovens de hoje têm maneiras diferentes de aprender. O aluno apenas se sente parte do processo daquela aula que ele ajudou a construir. Ao mesmo tempo que o meio nos influencia.

REFERÊNCIAS

- MEIRA, Marisa Eugênio Melillo; FACCI, Marilda Gonçalves Dias. (Orgs.). (2007). *Psicologia histórico-cultural: Contribuições para o encontro entre a subjetividade e a educação*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. São Paulo: Cortez e Autores Associados, 1995.
- VIGOTSKI, L. S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. *Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem*. São Paulo: Ícone editora, 2018.
- VINHA, Márcia Pileggi; WELCMAN, Max. Quarta aula: a questão do meio na pedagogia, Lev Semionovich Vigotski. *Psicol. USP*, São Paulo, v. 21, n. 4, p.681-701, 2010. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-

65642010000400003&lng=pt&nrm=iso>.acessos em 07 abr. 2021.

<https://doi.org/10.1590/S0103-65642010000400003>.

ⁱNo original lê-se: [...] toda función en el desarrollo cultural del niño aparece en escena dos veces, en dos planos; primero en el plano social y después en el psicológico, al principio entre los hombres como categoría intersíquica y luego en el interior del niño como categoría intrapsíquica. [...] Tenemos pleno derecho a considerar la tesis expuesta como una ley, pero el paso, naturalmente, de lo externo a lo interno, modifica el propio proceso, transforma su estructura y funciones. (Vygotsky, 1995, p. 150).

ⁱⁱ No original lê-se: “La etapa vieja no desaparece cuando nace la nueva, sino que es superada por la nueva, es dialécticamente negada por ella, se traslada a ella y existe en ella.” (Vygotsky, 1995, p.145)